

ANÁLISE BIOÉTICA DA PERCEPÇÃO DA SOLIDARIEDADE NA AÇÃO DO VOLUNTARIADO NA ABRACE¹

Felipe Gomes Penteado*
Leonardo Eustáquio Sant'Anna da Silva**
Renata Dias Carneiro Rodrigues***
João Geraldo Bugarin Júnior****

Resumo: O presente artigo consiste em uma análise da percepção de solidariedade por voluntários de uma instituição filantrópica do Distrito Federal, voltada para o auxílio às famílias que possuem crianças em tratamento de câncer. Para tanto, aplicaram-se questionários aos voluntários que participaram do McDia Feliz. Analisou-se, segundo a bioética, se o engajamento dos mesmos se deu por uma questão de solidariedade, caridade ou compaixão. A referência conceitual para a presente análise é a de que a solidariedade consiste em uma ação crítica, comprometida e em consonância com vários princípios bioéticos. Foi possível perceber que os voluntários compreendem a solidariedade como um processo embasado em responsabilidade social, como também se mostram conscientes da importância de suas ações para a sociedade.

Palavras-chave: Bioética; solidariedade; voluntariado.

Introdução

A solidariedade é um tema tratado pela bioética, pois é um importante referencial nas práticas que buscam minimizar a desigualdade nas sociedades e deve ser entendida como a capacidade do agente de discernir as dimensões social e política, que estão indissociavelmente presentes na ação solidária (Garrafa & Selli, 2005).

Para estudar a solidariedade, foi escolhida a ABRACE, uma instituição filantrópica, declarada de Utilidade Pública, que atua auxiliando as famílias que possuem crianças em tratamento de câncer em Brasília, contando com o apoio de voluntariados, permanentes ou

¹ Trabalho final de pesquisa desenvolvido junto à Cátedra UNESCO de Bioética da Universidade de Brasília – UnB, apresentado como pré-requisito para obtenção do título de Especialista em Bioética. E-mail: bioetica@unb.br

* Veterinário. Diretor do Laboratório BIOAGRI, Especialista em Bioética. E-mail: felipe@bioagripharma.com.br

** Biólogo. Coordenador do Núcleo de Ética e Cidadania do Colégio CIMAN, conselheiro do Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB, Especialista em Bioética. E-mail: leoeustaquio@hotmail.com

*** Jornalista. Assessoria de Comunicação do MCT, Especialista em Bioética. E-mail: rdias@mct.gov.br

**** Cirurgião Dentista. Doutorando em Ciências da Saúde da UnB, área de concentração Bioética. Pesquisador da Cátedra UNESCO de Bioética da UnB. Orientador da pesquisa. E-mail: bugarinjr@ig.com.br

circunstanciais, em diversas campanhas. A Associação Brasileira de Apoio às Famílias de Crianças Portadoras de Hemopatias (ABRACE) foi fundada em 1986.

A presente pesquisa concentrou-se no evento chamado McDia Feliz, projeto da rede de lanchonetes Mc Donald's, que destina a renda de toda a venda de sanduíches "Big Mac", referente a um dia do ano, a uma entidade que trabalhe com pacientes com câncer.

A questão a ser estudada é se o engajamento dos voluntários se dá por uma questão de solidariedade, caridade ou compaixão, analisando-se, à luz da bioética, se o envolvimento pode auxiliar no desenvolvimento de uma cidadania crítica e na construção de uma sociedade menos desigual.

Agradecemos a ABRACE por toda a colaboração prestada ao longo deste trabalho e a seus voluntários, que prontamente responderam aos questionários.

Referencial teórico

Segundo SELLI (2002), a questão social confere originalidade aos princípios morais e éticos na América Latina. Nesse continente, valores como justiça, equidade, solidariedade e proteção ocupam um espaço similar ao ocupado pelos valores anglo-saxônicos do Princípioalismo em outras culturas. Em um contexto de desigualdades sociais como ocorre na realidade latino-americana, percebe-se a importância da solidariedade como valor bioético.

Os princípios bioéticos são ferramentas utilizadas na interpretação e análise de situações específicas, teoria esta que ficou conhecida como bioética principialista. Porém, a disciplina vai muito além da corrente principialista mais amplamente difundida, traçando reflexões sobre conflitos em questões éticas e propondo formas de análise, diálogo e ações.

Trata-se de uma disciplina recente, se compararmos com tantas outras, que tem a função de refletir sobre as questões éticas do dia-a-dia e de auxiliar na mediação dos conflitos éticos, sendo ética prática, que cria condições para que as condutas humanas sejam as melhores possíveis.

O respeito ao pluralismo moral, característica da sociedade atual, constitui um referencial fundamental para a Bioética. Com a existência de diversas moralidades, torna-se fundamental o respeito às diferenças. Pessoas pensam e agem de forma diferente nas mais diversas partes do mundo e, sem tolerância, seria praticamente impossível um diálogo e uma convivência pacífica. A idéia de pluralismo moral, ou seja, estranhos morais, foi bem desenvolvida por Engelhardt (1996) ao afirmar ser primordial o respeito à diferença para haver diálogo entre indivíduos ou grupos que possuem moralidades distintas.

Bioética de intervenção

Garrafa e Porto (2002, p. 6) trazem a idéia de uma bioética mais dura, chamada bioética de intervenção, “em defesa dos interesses e direitos históricos das populações econômica e socialmente excluídas do processo desenvolvimentista mundial”.

Bioética de intervenção refere-se à forma de intervir na realidade concreta, privilegiando o maior número de pessoas em maior espaço de tempo. A idéia é trazer um pouco de politização às discussões sobre conflitos morais. A bioética de intervenção trabalha com a idéia de que igualdade é uma consequência da equidade, que seria o reconhecimento das diferenças e das necessidades diversas dos sujeitos.

Esse mundo desigual, no qual uns têm a possibilidade de sentir prazer, enquanto a outros resta a probabilidade de estarem imersos no sofrimento, configura o panorama que em nosso entendimento justifica uma bioética de intervenção. Uma proposta que, quebrando os paradigmas vigentes, reinaugure um utilitarismo orientado à busca da equidade entre os segmentos da sociedade, capaz de dissolver esta divisão estrutural centro-periferia do mundo e assumir um consequencialismo solidário alicerçado na superação da desigualdade (Garrafa & Porto, 2002, p. 14-15).

Perspectiva de gênero

Para estudar o voluntariado da ABRACE, suas motivações e percepções sobre o que está sendo realizado, é preciso refletir também sobre o perfil desse voluntário. E a primeira diferenciação que aparece é de gênero. As mulheres costumam figurar em maior número entre os voluntários. Isso não significa que elas são essencialmente mais inclinadas para ações de solidariedade. De acordo com a reflexão bioética sobre gênero, essa maior participação feminina reflete valores socialmente construídos. A sociedade cobra e espera uma postura de cuidado da mulher. Desde pequenas, elas ganham bonecas das quais devem cuidar. Outro exemplo são as profissões socialmente reconhecidas como femininas, como secretárias, enfermeiras, domésticas e professoras de crianças, devido à idéia de que o cuidado é feminino. A partir dessa elaboração, justifica-se a associação de maior engajamento de mulheres em campanhas de solidariedade, sendo esta a postura cobrada socialmente (Gilligan, 1982).

Lucilda Selli, em sua tese de doutorado sobre o voluntariado no Instituto Nacional do Câncer do Rio de Janeiro, verificou uma participação feminina bem maior na atividade

voluntária. Elas representavam 89,5% da amostra. “É bem evidente a importância negativa dos estereótipos criados ao longo do tempo que versam sobre a atividade voluntária eminentemente feminina” (Selli, 2002, p. 190).

A bioética feminista trabalha com formas de criar caminhos para empoderamento daqueles que, em algum momento, encontram-se em situação de vulnerabilidade e que, apesar de alguns avanços, ainda hoje, sofrem com preconceitos, salários diferenciados, oportunidades e cobranças desiguais. Esse conceito do empoderamento dialoga claramente com a bioética de intervenção, que atua no sentido de intervir para que as pessoas registrem a opressão que sofrem e possam mudar sua condição e estrutura existente.

Dever e obrigação

A ação voluntária, para alguns, pode ser entendida como um dever. De acordo com a perspectiva Kantiana, não existe nenhuma relação de desejo com o dever e não importa o seu objeto ou fim, mas apenas o que existe para torná-lo racionalmente justificável. Ao entender a solidariedade como um dever, o voluntário foca na sua razão e não no objeto alvo de sua ação. O dever é estabelecido e justificado racionalmente. “Dever é a ação cumprida unicamente em vista da lei: por isso, é a única ação racional autêntica, determinada exclusivamente pela forma universal da razão” (Abbagnano, 1999, p. 266).

Já o conceito de obrigação, também comumente relacionado às ações de solidariedade, tem caráter mais coercitivo, como se não existisse alternativa. A obrigação vem de fora para dentro, é imposta e apresentada de forma coercitiva para o sujeito. “Na origem das próprias obrigações está, antes de mais, o próprio sujeito, cada um (autonomia); mas, em última análise, ninguém, só por si, se obriga a si mesmo” (Logos, 1993, p. 1213). Também, como o dever, não diz respeito à vontade.

Então, o sujeito que vê sua ação voluntária como uma obrigação ou um dever tem em comum a mesma sensação, de que é algo além de sua vontade ou desejo. Quem define seu trabalho voluntário como obrigação não vê alternativa ou outro questionamento acerca daquela ação, vê aquele trabalho como algo determinante, não há como fugir nem outra forma de agir, é obrigado a ser assim. Já o sujeito que interpreta sua ação voluntária como um dever, também assume um compromisso, faz além de sua vontade, mas é de uma forma menos determinante (Arendt, 1993).

Compaixão

O ato de ter compaixão é ter participação no sofrimento alheio, mas como algo diferente desse sofrimento: seu significado limita-se à participação e não abrange sentir o mesmo sofrimento. Portanto, sentir compaixão refere-se à emoção eliciada pelo sofrimento de outrem, em um sentimento de solidariedade limitado, não necessariamente ativo, e alheio à identidade de estados emocionais entre quem sente e quem é considerado (Abbagnano, 1999).

Para Comte-Sponville (2004), a compaixão, pura e simples, não tem, como tal, menor consideração pelo valor e pela qualidade dos sentimentos alheios. Ter compaixão não significa ter uma postura moral definida. Ela não se preocupa com a moralidade de seus objetos. Trata-se de um sentimento nascido por identificação ou imitação daquele que sofre. É uma tristeza que sentimos diante da tristeza dos outros, e que se acrescenta a essa.

Assim sendo, ter compaixão para com o vulnerável não significa assumir uma postura moral diante do objeto, de quem a recebe, muito menos em relação à sociedade. O voluntário que se deixa guiar pelo sentimento da compaixão não se conduz por seus sentimentos morais, ou por suas virtudes, conduz-se em função de si mesmo, como se buscasse ajudar a si mesmo, aliviar o seu sofrimento. Compadecer-se com, sem compadecer por; ter compaixão pelo sofrimento alheio sem ser tocado por ele, sem ser motivado por ele, sem preocupar-se com o vulnerável não é a atitude moral mais desejada, e não reconhecer no outro a pessoa que se é, que merece ser tratada com dignidade e cidadania, não é ter noção de alteridade nem é reconhecer a iniquidade. Assim, o voluntário que age por compaixão não assume um compromisso social, não é responsável ou solidário, e não pode assim intervir na realidade.

Solidariedade

A ação solidária representa interdependência, vinculação e assistência recíproca entre os elementos de um grupo e desses com a sociedade, de maneira que esses elementos atuem de modo análogo, como partes de um corpo sólido (Logos, 1993; Abbagnano, 1999).

A palavra solidariedade consiste em uma derivação da palavra *solidum*, designando a relação das partes com a totalidade, da individualidade com a coletividade. Portanto, refere-se à dependência recíproca, de sorte que as ações das partes (indivíduos) repercutem nos demais (coletividade). Infere-se que solidariedade diz respeito ao dever moral de assistência entre os indivíduos de uma mesma sociedade. Nesse contexto, foi um termo introduzido para substituir, em significado, aquele de caridade cristã, separando o significado de reciprocidade daquele de dever. Nota-se a oposição entre o dever de solidariedade (fundado na

reciprocidade e coletividade) e o dever de caridade (fundado no dever unilateral para com os vulneráveis). Trata-se de uma parte essencial da moralidade moderna, laica, racional, em substituição às virtudes arcaicas, canônicas, dogmáticas, representadas pela caridade (Logos, 1993; Abbagnano, 1999; Lalande, 1999).

Porque a solidariedade é considerada como um fato humano, ela adquire um valor prático e, como a individualidade, comporta deveres (deveres de ou relativos a solidariedade). A solidariedade (solidez) refere-se, em termos práticos, à relação do indivíduo com a sociedade, definindo responsabilidades individuais e coletivas. Além, aduzem-se, daí, os conceitos de comunidade e alteridade. Portanto, para ser considerada como tal, uma relação de solidariedade deve ser: recíproca, entre a parte(s) e o todo, dotada de sentido e valor, servindo de matéria a uma apreciação moral (Lalande, 1999).

Segundo SELLI (2002, p. 27), a solidariedade, como valor bioético, é abstraída como solidariedade crítica:

comprometida, interventiva, que visa à transformação social... mudanças entendidas como beneficentes... busca de justiça... o sujeito da solidariedade crítica estabelece, com os destinatários das atividades voluntárias, relações que lhes permitem descobrir como sujeitos capazes de exercerem seus direitos políticos, civis, de liberdade e igualdade... sujeito que possui direitos e deveres... para fazer suas escolhas e responder pelas conseqüências de suas decisões.

Nesse contexto, o voluntário que exerce a solidariedade de modo crítico demonstra grande solidez e responsabilidade moral em suas atitudes, partindo da premissa da alteridade e da equidade, para buscar, como agente ético e social, a igualdade e a justiça. Ao reconhecer, no outro, alguém além de si mesmo, busca intervir na realidade para poder torná-la mais igual, mais justa. Tratando-se de uma ação recíproca, beneficia toda a sociedade e preocupa-se tanto com o agente quanto com o paciente da ação solidária.

Responsabilidade

Muito usado pelo filósofo Hans Jonas (2004), o termo responsabilidade deriva do latim *spondere* (comprometer-se) *re* (perante alguém em retorno), remetendo à capacidade (e obrigação) de responder pelos próprios atos, aceitando suas conseqüências (LOGOS, 1993). Está intimamente relacionado ao sentimento de respeito. Esse último é provocado pelo (re)conhecimento de um valor moral numa pessoa, que conduz à abstenção de tudo o que pode causar dano a essa pessoa (não-maleficência) e que corresponde à situação de um agente

consciente para com os atos que quis realizar, podendo-se aduzir seus motivos e censurá-los ou estimá-los. Significa a solidariedade da pessoa com seus atos, o que constitui condição prévia de qualquer obrigação real; significa a atitude de aceitação pelo agente das conseqüências, diretas ou indiretas, imediatas ou posteriores, previsíveis ou imprevisíveis, procedentes de seus atos e a eles atribuíveis. Está fundamentada na possibilidade de prever os efeitos do próprio comportamento e de corrigi-lo com base em tal previsão (Abbagnano, 1999).

Assim, implica reflexão sobre as repercussões, precedente a nossa atitude, de modo que só é responsável quem pode prever. Como aos efeitos diretos e imediatos, posteriormente, podem somar-se efeitos indiretos e futuros, a previsibilidade é incompleta, e a responsabilidade prende-se intimamente à convicção que o homem tem de ser livre (autônomo) para ser responsável (Lalande, 1999).

Para Platão (*apud* Abbagnano, 1999), isso está relacionado à escolha que os indivíduos fazem de seu próprio destino: “Cada qual é a causa de sua própria escolha”. Cada indivíduo, apenas, é responsável pelos atos que lhe são imputáveis, pois escolheu cometê-los de livre arbítrio. Daí, decorre a imputabilidade das conseqüências de seus atos, na medida em que previu os efeitos e não os evitou, mesmo podendo fazê-lo. Para Kant (*apud* Abbagnano, 1999), haveria o significado moral de juízo ou consideração que se imputa ao autor de uma ação.

No aspecto do voluntariado, o significado de responsabilidade adquire noção de escolha autônoma, ponderada. O voluntário crítico compromete-se com a solidariedade e não com a compaixão. Ao ser crítico, consciente da realidade complexa e do contexto social em que figura, ele reconhece sua importância como agente de transformação e assume a responsabilidade não só pelos seus atos, mas também pelas mazelas sociais, pela iniquidade. Movido, então, pela solidariedade crítica, busca promover, de modo responsável, a beneficência, a justiça e a igualdade, tendo, como conseqüência, a construção da cidadania.

Objetivos

Analisar, à luz da Bioética – como ética prática, aplicada –, a atividade de voluntários da ABRACE e estimular a auto-análise dos voluntários diante de sua prática solidária, buscando perceber até que ponto ele se sente agente responsável pela transformação da sociedade são objetivos deste trabalho.

Outro objetivo é analisar se o engajamento dos voluntários se dá por uma questão de solidariedade, caridade ou compaixão, procurando perceber se o envolvimento pode auxiliar no desenvolvimento de uma cidadania crítica e na construção de uma sociedade menos desigual.

Metodologia da pesquisa

O projeto de pesquisa foi submetido à análise do CEP/UNICEUB, que o aprovou. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assim como o representante da instituição pesquisada firmou termo de responsabilidade institucional.

Foram aplicados 115 questionários fechados (estruturados) aos voluntários que trabalharam ativamente no McDia Feliz (27 de agosto de 2005). Esses questionários foram aplicados nas 21 lojas, contemplando todo o Distrito Federal, tendo sido coletados seis questionários nas dez maiores lojas e cinco questionários nas demais.

O questionário era composto por 14 perguntas fechadas, sendo as três primeiras para a identificação do perfil do voluntário. As demais questões possuíam quatro alternativas de resposta. Todos os entrevistados foram orientados a assinalar apenas uma alternativa, aquela que considerassem mais adequada. As respostas serviram de subsídio para análise do comprometimento, envolvimento e entendimento dos agentes da ação voluntária com a solidariedade, verificando, assim, se os mesmos estavam comprometidos com a ação solidária ou se eram motivados pela caridade ou compaixão.

Os dados coletados foram submetidos à análise qualitativa a partir dos marcos conceituais estabelecidos neste artigo.

Foram detectados erros em 17 questionários na marcação de duas respostas para uma mesma questão. Foi considerado que este erro não prejudicaria a análise do restante do questionário e, com isso, descartou-se somente a questão que apresentava duplicidade na resposta.

Na análise quantitativa, foi utilizado o programa Statistical Package for Social Sciences (SPSS), versão 10.0 da Microsoft, para tabular o questionário, o que permitiu fazer o cruzamento de algumas questões, facilitando, assim, a análise destas.

Resultados e discussão

Como descrito na metodologia, 115 questionários serviram de base para a análise da ação dos voluntários da ABRACE que atuaram no McDia Feliz. Os principais resultados, em termos quantitativos, podem ser resumidos no quadro abaixo:

Tabela 1 – Alguns resultados do questionário aplicado no McDia Feliz de 2005.

Questão 1: Sexo	Feminino – 61,7%
Questão 2: Idade	Entre 18 e 25 anos – 30,43%
Questão 3: Escolaridade	Curso Superior Completo – 44,44%
Questão 4: Seu trabalho é uma questão de...	Solidariedade – 47,8%
Questão 5: Você conhece os projetos da ABRACE	Conheço outros e já participei – 44,7%
Questão 6: Ajudar no McDia Feliz te deixa com a sensação:	Eu deveria fazer mais pelas outras pessoas – 61,4%
Questão 7: Em sua opinião, quem ganha mais com o McDia Feliz	Os pacientes assistidos pela ABRACE – 74,1%
Questão 8: Você trabalha em outras ações de solidariedade	Sim, com outras instituições e Sim, na própria ABRACE – 75,9%
Questão 9: Para você, solidariedade é	Uma responsabilidade para com a sociedade – 49,1%
Questão 10: Qual sentimento move a sua ação solidária	A vontade de ver um mundo onde todos sejam iguais – 62,2%
Questão 11: Você seria uma pessoa mais solidária se...	Tivesse mais tempo livre – 47,8%
Questão 12: Quantos anos você já trabalhou no McDia Feliz	Entre dois e quatro anos – 43,0%
Questão 13: Qual é a lembrança mais forte que permanecerá de sua participação	O engajamento dos voluntários que participaram – 57,5%

Fonte: A pesquisa.

Observa-se uma distribuição de certa forma equilibrada na faixa etária dos voluntários, sendo distribuídos em 30,43%, em idades de 18 a 25 anos; 24,35%, em idades de 26 a 35 anos; 24,35%, em idades de 36 a 45 anos; e 20,87%, em idades de 46 a 57 anos. O fato de a amostra contemplar várias faixas etárias representa um aspecto positivo, uma vez que, se fosse extremamente relativo a uma única faixa etária, seria um fator de restrição para a análise (viés de aferição).

Registrou-se, também, a predominância da presença feminina (61,7%) nas atividades desenvolvidas neste dia. De acordo com a perspectiva feminista da bioética, abordada no marco conceitual deste trabalho, acredita-se que essa é uma questão de formação de valores morais, sendo, em nossa sociedade, ressaltada às mulheres a sua importância como “cuidadoras”, o que, culturalmente, ainda é muito forte no Brasil.

Os voluntários pesquisados podem ser considerados pessoas com satisfatório grau de instrução, pois 23,15% possuem Ensino Médio completo; 25,95%, Ensino Superior

incompleto; e 44,44% possuem Curso Superior completo. A partir desse dado, percebe-se que os voluntários com maior escolaridade têm maior comprometimento no processo solidário, conscientes e empenhados com a transformação da sociedade. Isso está em consonância com a prerrogativa de que, para agir como agente da solidariedade crítica, o voluntário deve ter uma percepção da realidade complexa e uma compreensão abrangente do contexto social em que está inserido. Desse modo, é fundamental um agente conscientizado para poder ter a percepção de seu papel e poder desempenhar plenamente os seus direitos civis e políticos, isto é, somente quem é instrumentalizado pode intervir, consciente e responsavelmente, segundo seus sentimentos morais e atitudes éticas.

Analisando-se os 115 questionários respondidos, todos souberam dizer por que estavam trabalhando como voluntários no McDia Feliz: 47,8% justificaram, dizendo ser uma questão de solidariedade, e 42,5% disseram ser uma questão de responsabilidade social. Nas duas respostas, é possível verificar o engajamento dos agentes voluntários acima de suas questões pessoais, percebendo o outro e seu papel social, seja na ação da solidariedade, seja na responsabilidade social, como construtores de cidadania e como agentes importantes nas transformações sociais. Os sentimentos morais que movem sua ação têm como base o outro, a alteridade, identificando-se o vulnerável como alguém que desperta não só a compaixão, mas a solidariedade crítica, orgânica, responsável. Em contrapartida, somente 9,7% disseram estar trabalhando por uma questão de caridade, isto é, declararam ser movidos por sentimentos pessoais, não identificando o vulnerável (crianças em tratamento contra o câncer) como receptor de sua ação.

A ABRACE desenvolve, além da participação no McDia Feliz, outras atividades, conhecidas por 44,7% dos voluntários, mesmo que eventuais, os quais afirmaram ter participado delas, demonstrando assim seu engajamento continuado em certo grau. Em 28,9% das respostas, os voluntários afirmam conhecer outras ações e não participar. Assim mesmo, deve-se ressaltar que existe uma espécie de sensibilidade ao tema, ao conhecer outras ações, ainda que não participando delas.

Surge, nessa investigação, a idéia de que solidariedade não é uma ação pontual e, sim, um processo, em várias frentes. Os voluntários mostraram ter consciência de que a verdadeira solidariedade, que promove a transformação social, só pode ser feita com tempo e perseverança. E essa atitude carrega, em seu sentido, a noção de responsabilidade para com o vulnerável e para com a sociedade.

A solidariedade crítica foi identificada nas respostas, mais especificamente quando 61,4% das respostas indicaram que há o sentimento de que deveriam fazer ainda mais pelas

outras pessoas. Essa é a ação de solidariedade (crítica), que não se contenta com a situação vista e procura auxiliar ainda mais, fugindo do sentimento de obrigação ou de dever cumprido (compaixão ou caridade). A solidariedade é um instrumento da bioética de intervenção que assume um papel de compromisso de ação na transformação da sociedade.

Os voluntários mostram a idéia de alteridade ao responder que os pacientes assistidos pela ABRACE são os maiores beneficiados pela campanha em questão. Assim, compreendem a situação do outro (menos favorecido) e, com isso, percebem a alteridade, levando ao sentimento de que podem ajudar e envolver-se com o outro, permitindo, assim, a prática da cidadania.

O fato de que 75,9% destes voluntários praticam outras atividades voluntárias, seja na ABRACE ou em outras instituições, chamou a atenção, sendo possível inferir que eles possuem uma continuidade de atitude. A permanência desses voluntários em outras atividades enriquece suas próprias ações, pois vincula a elas o crescimento baseado na continuidade de seus voluntários, o que também foi ressaltado quando 43% disseram que trabalham no McDia entre dois a quatro anos (maior porcentagem de respostas nessa mesma questão). Mas tem-se um grupo de 17,9% de pessoas que responderam que gostariam de ser mais solidárias, porém não sabem como fazer. Esse dado deve ser trabalhado primeiramente pela ABRACE, à qual cabe orientar seus voluntários eventuais para se empenharem em outras ações. Também indica que existe uma vontade de ajudar e um não saber como. O esclarecimento prestado acerca desse aspecto deve permitir uma construção social mais ampla, ao levar ao conhecimento de todos as possibilidades da solidariedade.

Quando indagados quanto ao que vem a ser a solidariedade, 49,1% dos indivíduos souberam identificar a responsabilidade para com a sociedade como sendo a resposta correta. A esse número somaram-se os 10,4% de afirmativas quanto à solidariedade ser um compromisso com os que sofrem, pois esse grupo se identifica com o próximo, direcionado a um compromisso social, a uma percepção de responsabilidade e de alteridade. Em contrapartida, é preciso ressaltar que 40,2% das pessoas tiveram problemas em diferenciar a solidariedade da caridade. Isso demonstra a necessidade de trabalhar esse conceito, pois ele não está tão bem esclarecido para todos os voluntários, de modo que, diferenciar os limites entre compaixão, solidariedade, caridade, esmola, dentre outros, torna-se uma tarefa difícil.

Ver um mundo onde todos sejam iguais é a vontade de 62,2% dos voluntários envolvidos no evento. Essa resposta identifica o anseio de construção de uma nova sociedade, mais justa e igualitária, em que todos os indivíduos sejam verdadeiramente vistos como cidadãos, como merecedores de uma vida digna e justa. Essa condição de cidadania é algo

inquietante para quem procura ajudar o outro, para quem é solidário para com o vulnerável, vendo-o como um sujeito que necessita de auxílio, mas não de caridade, pois a caridade não leva à independência futura, à cidadania.

É possível perceber que, quanto mais as pessoas se engajam em ações voluntárias, mais elas se sentem impulsionadas a participar de outras e, por isso, a necessidade de mais tempo disponível para tanto. Essa disponibilidade de tempo poderia ser proporcionada se houvesse um apoio institucional das empresas públicas e privadas, incentivando a ação voluntária de seus funcionários e desenvolvendo uma política voltada para a solidariedade. Pode-se notar que algumas instituições que promovem essa política proporcionam um benefício com retorno social importante. Esse é o caso demonstrado especificamente pelo Banco do Brasil (maior vendedor de *souvenires* da ABRACE no Distrito Federal), pelo Colégio CIMAN (segundo maior vendedor) e pela Politec (terceiro). Essas empresas possuem uma política clara de incentivo ao voluntariado, possibilitando a venda de *souvenires*, montagem de lojinhas, venda de tíquetes antecipados de sanduíche e apoio financeiro ao evento em foco. A arrecadação, em 2005, promovida por essas três empresas juntas, somou mais de R\$65.000,00 (sessenta e cinco mil reais) de venda direta em *souvenires* (adesivos, *bottons*, camisetas, bonés, etc.) da ABRACE, não estando incluída, nesse dado, a arrecadação de vendas de tíquetes antecipados. Em contrapartida, essas empresas recebem, como retorno, a visão diferenciada de seus funcionários e clientes, que percebem que elas possuem um compromisso público com a construção da cidadania e de uma sociedade mais justa e igualitária.

A lembrança mais forte que vai restar de sua participação nesse dia, segundo 57,5% dos participantes, será o engajamento dos voluntários, ou seja, a força desempenhada pelo conjunto de voluntários. Os voluntários vêem a ação solidária como preponderante para o progresso moral e social em nosso país.

Considerações finais

Para Hume (1981), em nenhum caso pode a mente exercer-se em uma ação que não possa ser derivada da sua percepção da realidade, pois é a aplicação de tal percepção aos juízos que nos permite distinguir o bem e o mal morais. Aprovar ou reprovar um caráter, uma ação, deriva da nossa percepção acerca desse caráter (Hume, 1981). Assim, o presente estudo buscou avaliar a percepção do voluntário da ABRACE a respeito do aspecto solidário que seu trabalho implica. Foi possível verificar que o perfil dos voluntários da ABRACE engajados no

McDia Feliz é constituído, em sua maioria, por mulheres com idade entre 18 e 57 anos, havendo predominância de pessoas formadas no ensino superior. Relacionando esse perfil com os resultados obtidos dos questionários, verifica-se que os voluntários são, em sua maioria, dotados de instrumentalização e liberdade suficientes para lhes proporcionar uma percepção palpável da importância que o voluntariado exerce na sociedade contemporânea. Seu engajamento é comprovado por meio da participação em outras atividades voluntárias, solidárias, com constância e assiduidade em projetos desse tipo. Ficou a percepção de que quem participa de uma ação voluntária, no caso o McDias Feliz, tende a voltar mais vezes, a aprimorar seus valores morais, sociais, cívicos.

Compadecer é sofrer com, e todo sofrimento é ruim. Por outro lado, a alegria é boa, e a razão é justa; o amor, a generosidade e a solidariedade devem levar-nos a ajudar nossos semelhantes. Contudo, para poder ajudar não se necessita da compaixão e, em vez de lamentarem-se, as pessoas podem socorrer a si mesmas. Segundo Spinoza (*apud* Comte-Sponville, 2004), o sábio não se move pela compaixão, pois é movido por sua razão, reconhecendo aquela, então, como inútil na transformação social. Não devemos tomar as penas dos outros, mas se pudermos aliviar os outros de suas penas, melhor. Ou seja, ação em vez de paixão; generosidade ao invés de piedade; e solidariedade no lugar da caridade. Compartilhar o sofrimento do outro não é aprová-lo nem compartilhar suas razões, boas ou más, para sofrer, é recusar-se a considerar um sofrimento, qualquer que seja, como um fato indiferente, e um ser vivo não como meio, mas como fim (Comte-Sponville, 2004).

Uns fazem o que podem; outros fazem o que querem. De acordo com a perspectiva Kantiana (Abbagnano, 1999), sendo a compaixão um sentimento, não é, portanto, um dever. Dever é fazer algo para que o fim (homem) seja alcançado (reduzir o sofrimento). Mas, é a ética que permite transcender do sentir ao querer, do ser ao que se deve ser (Comte-Sponville, 2004). O Estado moderno deveria ser fundamentado, entre outros, no princípio de igualdade. Entretanto, ser igual não significa necessariamente ser justo, e, como definiria Singer (1998), seria considerar igualmente os interesses alheios. Como o estado moderno não é capaz de fazê-lo, porque, principalmente nos países subdesenvolvidos, não prima por políticas sociais que promovam a justiça, “a igualdade no acesso aos bens sociais fundamentais, prevista como direito constitucional, mantém-se ao nível de discurso” (Selli, 2002: 11). Como para Spinoza (*apud* Comte-Sponville, 2004) o “homem racional não se deixa tocar pela compaixão”, ele deve ser movido então por quais sentimentos morais? Após a discussão dos resultados, os pesquisadores entendem que a ação humana deve ser guiada pelos princípios bioéticos da alteridade, equidade, igualdade, autonomia, benevolência, não-maleficência, justiça,

solidariedade crítica e responsabilidade social. Um voluntário, não só dotado desses, mas praticando voluntariamente esses valores morais, é, antes de tudo, um cidadão a ser admirado, e sua atitude, encorajada e ensinada. Porque esses valores não são doados, caridosamente, mas, sim, exercidos autonomamente e construídos conscientemente.

A idéia da solidariedade como um processo embasado em responsabilidade social é entendida pelos voluntários entrevistados, que se mostraram conscientes da importância de sua ação para a transformação da sociedade. Isso é essencial para o progresso moral da sociedade. O progresso moral coletivo manifesta-se por meio de três fatores fundamentais: na legislação dos Estados Modernos, na incorporação de certos valores aos códigos e às leis e nos comportamentos públicos (Jonas, 2004).

A ação voluntária baseada na solidariedade crítica é um exemplo de comportamento público que contribui para esse progresso, já que está baseada na reciprocidade (coletividade-individualidade).

Um cidadão responsável, consciente e comprometido pratica a bioética de intervenção. E os vulneráveis estão aptos a receber, dignamente e de braços abertos, a solidariedade crítica, tornando-se, também, agentes sociais ativos e não passivos. Para Spinoza (*apud* Comte-Sponville, 2004), cabe ao Estado, e não ao indivíduo, ocupar-se da miséria, e deve-se fazer mais política que caridade. Isso não nos dispensa de ter, para com os vulneráveis, uma atitude fraterna, generosa, solidária, benevolente, mas, acima de tudo, estabelece com eles uma relação de reciprocidade e equidade. Ainda, no contexto latino-americano, em que o estado está mais ausente que presente, ocorrendo a atividade de instituições como a ABRACE e de outras do terceiro setor, financiadas primariamente pela atitude moral dos voluntários, o voluntariado crítico não é somente importante, mas essencial.

A solidariedade crítica como instrumento de transformação social faz parte do engajamento político assumido pela bioética de intervenção, que foi recentemente contemplada nos preceitos da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos pela UNESCO (UNESCO, 2006).

Referências bibliográficas:

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ARENDT, Hannah. *Condição humana*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Univ, 1993.

- COMTE-SPONVILLE, A. *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ENGELHARDT, JR. H. T. *Fundamentos da Bioética*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GARRAFA, V., PORTO, D. (2003). Intervention bioethics: a proposal for peripheral countries in a context of power and injustice. *Bioethics*. 17(5-6):399-416.
- GARRAFA, V; SELLI, L. Presença feminina na atividade voluntária: uma leitura a partir da bioética. *Revista Brasileira de Bioética*. 2005; 1: 80-90.
- GILLIGAN, Carol. *Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1982.
- HUME, D. *Tratado de la naturaleza humana*. DUQUE, F. (Ed). 2. ed. Madrid: Editora Nacional, 1981. 2 v.
- JONAS, Hans. *O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Logos*. Enciclopédia luso-brasileira de filosofia. Lisboa: Verbo, 1993.
- SELLI, Lucilda. *Bioética, Solidariedade Crítica e Voluntariado Orgânico*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, 2002.
- SINGER, Peter. *Ética Prática*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- UNESCO. *Universal Declaration on Bioethics and Human Rights*. Paris, 2006. Disponível em: <http://www.unesco.org>. Acesso em: 02 de mar. 2006.